

# Não dá para segurar

que p4

MILTON TEMER

GLOBO

8861 135 + 1

**A**cabou a brincadeira. A decisão da Constituinte, estabelecendo que as eleições deste ano se realizarão em apenas um turno, obriga as forças progressistas e democráticas da cidade a uma reflexão urgente sobre a necessidade do estabelecimento de uma nova tática eleitoral. Uma tática que deixe de lado os interesses dos projetos pessoais, por mais legítimos que sejam, e se condicione exclusivamente ao estabelecimento e consolidação de uma política de alianças absolutamente necessária na sua urgência. Uma política de alianças sólida e moderna, porque subordinada, antes de tudo, a um programa comum.

Uma política de alianças objetivando a ação permanente, e concluída em discussão onde todos defendam suas questões de princípio conscientes da necessidade de concessões nos pontos acessórios.

Chegou a hora, portanto, e numa última oportunidade, de socialistas do PSB, PT e PV; social-democratas do PSDB e comunistas se sentarem para uma reunião conjunta — que, inexplicavelmente, nunca ocorreu no âmbito das direções regionais —, capaz de esgotar o estudo de possibilidades para um trabalho unitário. Uma reunião de representantes de Executivas, em que Saturnino Braga, evidentemente, esteja presente. Sem preconceitos, sem ressentimentos. E sem posturas apriorísticas sobre quem tenha, ou não, o melhor nome para a coordenação da frente unitária.

Evidentemente, os bravos “tucanos” devem abrir mão do tradicional pragmatismo dos social-democratas, compreendendo que não é com o afago de ocasião aos

representantes de um suposto pensamento conservador civilizado que vão melhorar sua posição nas pesquisas. A não ser, é claro, que estejam dispostos a abrir mão de um passado de lutas pela democracia que caracteriza a maioria de seus nomes mais expressivos.

Os votos de Álvaro Valle não se conquistam tentando ser simpático a seus potenciais eleitores, mas, sim, convencendo-os de que o arauto da “moralidade” foi um Constituinte que não correspondeu à confiança dos que nele votaram, na medida em que foi dos mais ausentes em plenário, no processo de elaboração da nova Constituição. E explicando-lhes, também, que o seu projeto de construção de partido não tem nada de renovador ou democrático. Muito pelo contrário; é uma verdadeira corruptela das práticas mais populistas, pois só visa a valorizar a imagem do “dono”.

Bem operadas estas análises, não há alternativa para o caminho desse voto de maioria silenciosa, no que ele tem de honesto. Corre para a candidatura moderna, que representar concretamente a imagem da probidade e do respeito pela coisa pública numa prática democrática.

Corre para nós, como correu para Saturnino, nos seus 42% das últimas eleições, contra Medina e Jorge Leite, e a despeito dos importantes 8% obtidos por Marcelo Cerqueira, que concorria na mesma faixa eleitoral. Controlado o ímpeto pragmatista dos social-democratas, ficará bem mais fácil, para os que operam a frente progressista pela política da unidade, a apresentação do argumento que, sem os social-democratas, não há alternativa estável de composição de

poder real para as forças de esquerda.

Utópica, a proposta? Absolutamente, não. Esta aliança já existe na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, onde os parlamentares dessas legendas partidárias operam unitariamente desde o início da atual legislatura. E se existe no ambiente conflitivo do Parlamento, por que não pode se tornar realidade no âmbito do Executivo, e da sociedade civil no seu conjunto?

Desafio difícil de superar? Indiscutivelmente, é. Mas, por acaso, as forças políticas que, tradicionalmente, enfrentaram unidas o autoritarismo viveram, por acaso, momentos de facilidade na prática cotidiana de seu passado ainda recente?

O problema real é administrativo. Não há mais a hipótese de revisão de coligações majoritárias ou proporcionais. A decisão terá que ser, portanto, interpartidária, com a retirada formal de candidaturas a prefeito já lançadas — dois, entre eles, ou até os três, se tornam objeto de renegociação — e o estabelecimento do compromisso da utilização do tempo de televisão dividido de maneira racional entre os proporcionais lançados pelas legendas (temos interesse em consolidar boas bancadas de vereadores) e o majoritário escolhido unitariamente.

Mas, para que isto passe em tempo útil para a população, é necessário que a decisão se dê urgentemente. Antes do início do período oficial de campanha do TRE, no rádio e na televisão. Para que a população se empolgue e se engaje na militância.

Sem adiamentos, porque não dá mais para segurar.

Milton Temer é Deputado estadual pelo PSB do Rio de Janeiro\*